

SIMPÓSIO AT166

DA PÁGINA PARA A LINHA: A MICROCRÔNICA EM TEXTOS CLARICEANOS

NOLASCO, Larisse da Silva

Universidade Federal de Alagoas UFAL/PIBIC

Larissenolasco67@gmail.com

Resumo: As reflexões do linguista Mikhail Bakhtin, no que tange à diversidade e maleabilidade dos gêneros do discurso, contribuíram para que gêneros tidos como “menores” pudessem ser incluídos como objeto de pesquisa e análise, caso da crônica. Desde a nomeação, em Portugal, no ano de 1434, de Fernão Lopes como cronista-mor, ela tem sofrido inúmeras alterações, mas não perdeu uma de suas mais distintas características: ser analisada como gênero híbrido, como bem expressa o questionamento proposto por Clarice Lispector em um de seus textos, datado de 1968: “Crônica é um relato? É uma conversa? É o resumo de um estado de espírito?” (LISPECTOR, 1992, p. 112). Em *A descoberta do mundo*, livro que reúne suas crônicas, observa-se um *gesto novo* no tocante à estrutura do gênero: a escritora parece subverter o senso comum concebido acerca da extensão e perspectiva de temas cronísticos, publicando o que poderiam vir a ser denominadas *microcrônicas*, textos com a variação de uma até cinco linhas. Este trabalho, de perspectiva bibliográfica qualitativa, buscará analisar a ocorrência de algumas dessas *microcrônicas*, procurando traçar linhas temáticas aproximativas à estrutura condensada destas.

Palavras-chave: Clarice Lispector; microcrônica; autoria feminina.

Resumen: Las reflexiones del lingüista Mikhail Bakhtin, con respecto a la diversidad y flexibilidad de los géneros del discurso, han contribuido para que géneros tenidos como “más pequeños” pudieran ser incluidos como objeto del investigación y análisis, caso de la crónica. Desde el nombramiento, en Portugal, en el año de 1434, de Fernão Lopes para el puesto de crónista-mor, ella ha sufrido muchas enmiendas, pero no perdió su carácter principal: ser

analisada como gênero híbrido, como bien expresa la indagación propuesta por Clarice Lispector en uno de sus textos, fechado de 1968: “Crônica é um relato? É uma conversa? É o resumo de um estado de espírito?” (LISPECTOR, 1992, p. 112). En *A descoberta do mundo*, libro que agrupa sus crônicas, se observa un *gesto nuevo* en lo que se refiere a la estructura do gênero: la escritora subvierte el sentido común diseñado con respecto a la extensión y ejes temáticos de las crônicas, publicando lo que podrían ser denominadas *microcrônicas*, textos con variación de una a la cinco líneas. Este trabajo, de imprunta bibliográfica cualitativa, buscará analizar la aparición de algunas de esas *microcrônicas*, buscando trazar líneas temáticas que estén relacionadas a la estructura condesadas de esas.

Palabras clave: Clarice Lispector; microcrônica; autoria feminina.

Introdução

Como verdadeira *esfinge*, Clarice Lispector, celebrada nacionalmente por seus romances e contos, assumiu muitas faces em sua escrita, dentre elas, a de cronista. Foi no *Jornal do Brasil*, em agosto de 1967, que despontava o início desta trajetória na crônica e em dezembro de 1973 terminava. Durante estes quase dez anos escrevendo semanalmente para o periódico, Lispector traçou seu estilo enquanto cronista e demarcou seu *quê* de Clarice dentro de cada crônica.

Quem acompanhou a cronista Clarice, sabe de seu desprendimento quanto à fidelidade ao gênero crônica. Em muitos dos textos publicados, inclusive, a autora fez questão de enfatizar o fato de não saber escrever crônica e nem, ao menos, entender o que é uma; como se vê, por exemplo, em *Ser cronista*, texto datado de 1968, no qual, Clarice levanta alguns questionamentos acerca disto: “Crônica é um relato? É uma conversa? É o resumo de um estado de espírito?” (LISPECTOR, 1992, p. 112).

A crônica é, essencialmente, um gênero híbrido, que permite se moldar pelas mãos dos escritores, dando a eles liberdade de escrever da maneira

mais apazível a si dentro daquele espaço, como se lê no depoimento de Luiz Fernando Veríssimo:

Essa é a velha questão, o que é crônica, exatamente, quando é que deixa de ser crônica e passa a ser um pequeno conto, por exemplo. Mas acho que o cronista não deve se preocupar com isso. Ele tem aquele espaço que tem que preencher, que pode preencher teoricamente com o que ele quiser, inclusive com uma ficção, e ele não deve se preocupar muito com o que está falando. É o gênero crônica, e ali cabe o que o autor quiser. A gente se aproveita dessa indefinição como forma de liberdade (VERISSIMO apud JORNAL ZERO HORA, 04/01/2014).

Por isso, hoje, além de uma grande variedade de crônicas, com particularidades estilísticas bem traçadas e particulares a cada cronista, encontra-se, também, grande dificuldade em definir os ‘limites’ deste gênero. Até onde um texto pode ser concebido como crônica? Não se tem resposta fixa e clara a essa indagação, tanto pela maleabilidade deste gênero quanto pelo fato de que, segundo Bakhtin, a “variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa.” (BAKHTIN, 1997, p. 279), isto é, os gêneros se renovam e revestem-se a partir de mudanças ocorridas no interior das relações humanas. Nesse sentido, é possível olhar para as variedades de crônicas existentes, e, partindo disso, analisá-las.

É dentro desse espaço sem tantas amarras chamado crônica, que as produções de Clarice ganharam estilos, assuntos e, em especial, *tamanhos* um tanto variados e peculiares para a época em que foram escritos. Pensando a obra cronística clariceana de modo panorâmico, visualizam-se textos que

variam, por vezes, drasticamente de tamanho: enquanto se vê crônicas de três a cinco páginas, há outras de um parágrafo, dois, cinco linhas, uma e etc. Desses 'desvios' estruturais, por assim dizer, dentro dos textos de Clarice, se pode erigir uma possível ramificação do gênero crônica, ou, de acordo com os estudos de Nara Augustin Gehrke e Sara Scotta Cabral, um gênero independente chamado *microcrônica*.

A *Microcrônica* foi um termo cunhado pela primeira vez em *O peso da palavra e a poesia da imagem na produção e leitura de microcrônicas verbo-visuais*, pesquisa realizada por Nara Augustin Gehrke e Sara Scotta Cabral, na qual, as autoras estabeleceram este novo gênero jornalístico vinculado, necessariamente, ao uso de uma imagem, a partir de um estudo em jornais que publicavam textos com estruturas mínimas sempre associadas a uma fotografia que era posta à direita. No caso deste trabalho, a microcrônica referenciada pelas autoras não se dissocia do verbo-visual, além do fato de não estabelecerem critérios, já que não se tratava do objetivo da pesquisa, para que se possa definir um texto como microcrônica.

A microcrônica que se pretende discutir aqui, no entanto, não se relaciona à fotografia, isto é, não se trata de uma verbo-visual. A princípio, quando esta pesquisa estava apenas em seus primeiros suspiros, elencamos como microcrônica tão somente os textos da Clarice que iam de uma a dez linhas, todavia, com o avançar dos estudos e o aprofundamento nas crônicas clariceanas percebemos que, refletindo analogamente à ideia já teorizada de miniconto e microconto, era mais coerente pensar em minicrônicas e microcrônicas. Geralmente, são catalogados como minicontos aqueles textos com extensão mínima de um parágrafo e máxima de três ou dois; microconto os que são escritos entre cinco e uma linha. Em vista disso, analisaremos como microcrônica os textos clariceanos que vão de uma a cinco linhas.

A chamada microliteratura (CUNHA, 2013) materializada em textos micros que são produzidos e publicados em redes sociais pelos *webescritores*,

tende a ser vinculada, comumente, ao apogeu da era digital, e, com este, o das redes virtuais de comunicação e compartilhamento de dados. Por volta de 1967, todavia, quase quarenta anos antes da criação do *Twitter*, Clarice Lispector, com suas microcrônicas de uma linha, já antecipava esta explosão de microtextos. Em entrevista, Paulo Gurgel Valente, filho mais novo da autora, menciona o fato desses textos reduzidos terem antecipado às concepções de redes sociais, como o *Facebook* e o *Twitter*, devido ao tamanho mínimo e ao cunho tão particular, chegando muito próximo de rascunhos de pensamentos e/ou anotações.

Neste trabalho, vinculado ao grupo de estudos DALLT e ao PIBIC *Navegando entre jornais, blog e mulheres: contribuições femininas para a crônica*, de cunho bibliográfico qualitativo, nos debruçaremos sobre algumas dessas microcrônicas clariceanas, buscando analisar e traçar linhas temáticas aproximativas a sua estrutura condensada. Clarice Lispector, raramente, teve sua larga “gaveta” de crônicas aberta e analisada pelos pesquisadores de Literatura, daí a importância de um trabalho que as ponha em foco.

1. Microcrônicas clariceanas

A cronista Clarice, de maneira geral, dissemelhava-se em muitas ocasiões da contista e romancista já tão conhecida pelo público. Na crônica, o tom de sua escrita parece descer alguns degraus, não de qualidade, mas, aparentemente, no que se refere ao contato com aquelas pessoas que a liam semanalmente no *Jornal do Brasil*.

As linhas temáticas que perpassam as microcrônicas clariceanas não tomam, de todo, caminhos tão diferentes das que regem as crônicas com extensões comuns. Os aspectos que podem ser traçados como fatores distintivos entre elas consistem, além da extensão do texto, claro, no trato com o tema e no tom em que este é *dito*. As reflexões metafísicas, por exemplo,

matéria intensamente esmiuçada pela autora tanto nos romances e contos, quanto nas crônicas, aparece nas microcrônicas como rascunhos de pensamentos soltos que acabavam sendo materializados em poucas linhas, quando não em uma, como no exemplo abaixo:

O MEU PRÓPRIO MISTÉRIO – 13 de julho, 1968.

Sou tão misteriosa que não me entendo. (LISPECTOR, 1999, p.116)

Em outras, registra rara demonstração de otimismo quanto ao tema amoroso; ou *joga* na folha a fala de um filho que impressionado ao ver um “filhotinho de furacão” movendo algumas poucas folhas na esquina de casa relata à mãe:

MENINO – 9 de maio, 1970.

- Mamãe, vi um filhote de furacão, mas tão filhotinho ainda, tão pequeno ainda, que só fazia mesmo era rodar bem de leve umas três folhinhas na esquina. (LISPECTOR, 1999, p. 287)

MAS HÁ A VIDA – 22 de maio, 1971.

Mas há a vida que é para ser intensamente vivida, há o amor. Há o amor. Que tem que ser vivido até a última gota. Sem nenhum medo. Não mata. (LISPECTOR, 1999, p. 346)

O processo de escrita, temática recorrente nos textos de Lispector, também foi matéria abordada em seus rascunhos de pensamento. Vejamos na microcrônica abaixo um exemplo do olhar sensível da escritora sobre o próprio ato de escrita:

SOBRE ESCREVER – 20 de dezembro, 1969.

Às vezes tenho a impressão de que escrevo por simples curiosidade intensa. É que, ao escrever, eu me dou as mais inesperadas surpresas. É na hora de escrever que muitas vezes fico consciente das coisas, das quais, sendo inconsciente, eu antes não sabia que sabia. (LISPECTOR, 1999, p. 254)

Como destacou em diversos textos, Clarice Lispector não cultivava pretensão em redigir textos “ao rés” da crônica, apenas escrevia. E, bem, olhando mesmo para um gênero tão desprezioso e livre como a crônica, dizer que não se sabe escrever uma parece soar, ironicamente, metalinguagem. O fato é que Clarice assimilou o gênero crônica para si, modelando-o de acordo com sua subjetividade e intuito comunicativo, dando a ele traços estilísticos inconfundíveis. Ingedore Villaça Koch e Vanda Maria Elias, mencionam, no livro *Ler e escrever*, essa transformação a que os gêneros estão sujeitos:

A escolha do gênero deverá, portanto, levar em conta, em cada caso, os objetivos visados, o lugar social e os papéis dos participantes (...). O agente deverá adaptar “o modelo” do gênero a seus valores particulares, adotando um estilo próprio, ou mesmo contribuindo para constante transformação do modelo. (KOCH in ELIAS, 2009, p. 61)

Nestas microcrônicas, Clarice ora sintetizou, em linhas, a essência do que poderia ser dito em páginas, como o caso das pequenas reflexões metafísicas mostradas mais acima, e deste último microtexto; ora redigiu curtas falas e lembranças esparsas no tempo das quais parecia cultivar carinho, como no caso de *Menino*. Diferente das demais crônicas clariceanas, nas

microcrônicas, não se pretendia prender o leitor naquele espaço por um tempo superior a alguns minutos, ou mesmo levá-lo a uma reflexão mais aprofundada acerca, a exemplo de *Mas há a vida*, de como o amor deve ser vivido e aproveitado. Na verdade, esses textos aparecem como *lembretes*, insinuações rapidamente sugeridas.

Assim, da crônica a autora concebeu um novo gênero que agora se pode chamar *microcrônica*. Costurando, a partir delas, uma espécie de caderno de anotações, ou diário compartilhado, no qual os seus leitores tinham a possibilidade de ler e conhecer mais de perto a *esfinge*.

Referências

LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

CUNHA, C. **Microliteratura no twitter**. Disponível em: <<http://www.saraivaconteudo.com.br/Materias/Post/40696>>. Acesso em: 16 set. 2013.

KOCH, Ingedore Vilaça & Vanda Maria ELIAS. 2009. **Ler e escrever**. Estratégias de produção textual. São Paulo: Editora Contexto. 220 p.

VERISSIMO, L. F. Luis Fernando Verissimo fala da **literatura como um mistério a ser solucionado**. Jornal Zero Hora, Porto Alegre, 4 jan. 2014. Disponível em: <<http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/cultura-e-lazer/segundo--caderno/noticia/2014/01/luis-fernando-verissimo-fala-da-literatura-como-um-misterio-a-ser-solucionado-4380493.html>>. Acesso em: 20 de abril. 2019.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. Trad. Maria Ermantina. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GEHRKE, Nara Augustin ; CABRAL, Sara Scotta. **O peso da palavra e a poesia da imagem na produção e leitura de microcrônicas verbo-visuais**. Revista desenredo, [S. l.], 2014. Pdf.